



FRACASSAM AS NEGOCIAÇÕES ENTRE OS EUA E O IRÃ NUNCA HAVERÁ PAZ ENQUANTO EXISTIR O IMPERIALISMO E ISRAEL COMO SEU PORTA-AVIÕES NO ORIENTE MÉDIO!

É hora de as massas árabes travarem uma guerra contra o imperialismo e o sionismo por todo Oriente Médio! É urgente pôr de pé uma Frente Única Anti-imperialista baseada no armamento geral das massas na região! É preciso reconstruir a direção mundial do proletariado para que a guerra de dominação abra caminho à guerra de libertação sob a estratégia revolucionária do proletariado!

Após 42 dias de guerra contra Irã, Trump ensaiou uma saída que o livrasse de uma derrota estratégica. No fim de semana, em Islamabad, capital do Paquistão, enviados do governo norte-americano reuniram-se com representantes do governo iraniano. Depois de 21 horas de intercâmbio de mensagens e propostas, as negociações encerram sem qualquer acordo. O impasse atualmente colocado irá saltar pelos ares. Os EUA, Israel e as monarquias árabes vassalãs se preparam e rearmam.

Irã chegou às negociações com a vantagem no campo econômico: demonstrou-se capaz de estrangular a passagem de petróleo e gás (e seus derivados) pelo estreito de Ormuz, causando pesados estragos à economia mundial, agravando a crise interna aos EUA e promovendo uma maior instabilidade das relações políticas inter-imperialistas. Demonstrou ainda capacidade bélica de lan-

çar barragens de mísseis contra bases estadunidenses, interesses estratégicos de Israel e, praticamente, paralisar a indústria de extração e processamento de hidrocarbonetos no Oriente Médio. Diferentemente, os EUA não contavam com qualquer vantagem nas negociações - a não ser com a arrogância e ameaças. Os EUA demonstraram que não querem garantir o desenvolvimento econômico do Irã (retirando o bloqueio econômico) e menos ainda deixar para o Irã o controle do transporte marítimo. Quanto ao programa nuclear para fins pacíficos, a rejeição dos EUA a qualquer desenvolvimento do programa nuclear civil de Irã diz respeito a impedir a autonomia e autossuficiência em produção de energia que não está controlada pelo "petrodólar", ou seja, atada aos mecanismos monetários que permitem o controle do petróleo mundial e o comércio mundial de energia pelos EUA. Tampouco os EUA querem que se freie a invasão e os ata-

ques ao Líbano por Israel. Enquanto aconteciam as negociações, Israel realizava massacres de libaneses visando limitar os acordos dos EUA. Israel não aceitará nunca uma resolução ao conflito que não seja de seu interesse. Eis porque as negociações serviram ao adiamento da resolução militar almejada pela gangue imperialista-sionista. A "tática" de distração para organizar forças militares, acumular capacidades bélicas e abrir uma nova fase da guerra ganha fôlego no atual impasse.

Por trás da retórica empregada pelos EUA e Israel, de um lado, e pelo Irã e aliados, de outro, nunca se deve obscurecer que se encontra a luta pela autodeterminação nacional tarefa democrática progressiva traçada aos povos e massas oprimidas pelo imperialismo, portanto, a luta entre oprimidos e opressores. O capitalismo apodrece e sua maior força econômica, política e militar, os EUA, demonstraram que a única linguagem que os oprimidos

devem opor a seu expansionismo e intervencionismo imperialista, a seu objetivo de afundar o mundo na barbárie para abrir caminho aos lucros de seus monopólios, é a guerra e a resistência das massas e das nações oprimidas. Hezbollah, os houthis, a resistência iraquiana e as forças militares iranianas são um destacamento das massas oprimidas em luta contra a opressão imperialista. Elas encarnam as tendências instintivamente anti-imperialistas que se forjam no combate contra a opressão nacional e na luta pela autodeterminação nacional. A violência que desenvolvem serve aos objetivos da libertação nacional, portanto, expressam a violência revolucionária apesar das deformações da política burguesa e obscurantista religiosa sobre a qual se acobertam ideologicamente porque lhes falta sua direção marxista-leninista-trotskista. As forças imperialistas e sionistas, e seus aliados monarquistas e milícias vendidas aos inimigos da nação oprimida representam a violência contrarrevolucionária para submeter nações e povos a seus ditames.

Em meio ao um genocídio planejado em escala industrial e da ofensiva militar contra um povo e qualquer nação que se erga perante a prepotência imperialista não há como ficar encima do muro, e muito menos assumir uma posição de “nem com e nem com outro”. Ou se faz tudo para derrotar o sionismo e imperialismo para abrir caminho à autodeterminação dos povos e acabar com os genocidas e mercadores da guerra; ou se é objetivamente cúmplice desses assassinos e de suas guerras de dominação. A via diplomática, eleitoral, insti-

tucional e do direito internacional erguidos pela burguesia são apenas lixo que as massas devem jogar fora e assumir uma posição e um programa anti-imperialista e anticapitalista, de guerra aos senhores da guerra e aos capitalistas como classe em seu conjunto.

As massas iranianas estão dispostas a defender sua nação e estar ao lado do governo que se provou capaz de resistir e combater os inimigos e assassinos dos povos. A vanguarda com consciência de classe que defende o programa e estratégia proletárias está obrigada a travar uma guerra junto da nação oprimida e, nesse sentido, ao lado do governo que escolheram as massas, visando a derrotar a gangue imperialista-sionista. O internacionalismo proletário é o método que unifica os operários pela defesa do direito das nações a se autodeterminarem e decidirem por si mesmas sobre todos seus assuntos internos, é parte essencial da tática que herdamos de Lênin e que devemos aplicar hoje, de forma consequente.

O proletariado se deve somar à guerra contra os genocidas e opressores levando-a a seu próprio país por meio de métodos de guerra civil contra sua própria burguesia aliada do imperialismo-sionismo. É necessária a guerra total dos explorados e oprimidos contra o imperialismo e sionismo em qualquer país em que seus interesses (econômicos, políticos, diplomáticos, acadêmicos ou militares) tenham uma base objetiva e concreta. Deve-se organizar as greves para bloquear o envio e importações de mercadorias de Israel e os EUA, para fechar portos e aeroportos, organizar boicote ativo a comer-

ciantes e empresas nacionais que lucram com sionistas e imperialistas etc. Mas, para isso as direções burocratizadas devem ser superadas e ser construída uma oposição revolucionária para recuperar os sindicatos para a luta internacionalista e a solidariedade com todos os povos e nações oprimidas.

Sobre essa base histórica e de classe se delimitam os interesses das classes antagônicas do capitalismo: proletariado e burguesia. A expulsão do imperialismo e dos sionistas da Palestina ocupada, a expropriação de todas suas propriedades, a derrubada das monarquias vassalãs, junto da destruição do estado de Israel, são condições insubstituíveis para avançar por esse caminho. A derrota da burguesia imperialista abre caminho à estratégia da revolução e ditadura proletária se desenvolver e ampliar desde que se avance à reconstrução da direção mundial socialista e revolucionária. É derrotando a gangue genocida é que se abrirem as portas à autodeterminação das nações e um caminho ao proletariado para avançar na luta pela revolução social sob a estratégia dos Estados Unidos Socialistas de Oriente Médio.

A luta das nações oprimidas somente poderá ser um elo da luta do proletariado pela derrubada da classe burguesa se em meio à luta e à guerra se ergue sua política, seus métodos e suas táticas, liderando assim às nações oprimida por trás do programa da revolução social. Essa é a via para reconstruir política e ideologicamente a direção revolucionária mundial da classe operária nas atuais condições de avanço da barbárie social e opressão brutal imperialista sobre o mundo todo. ●